

Teoria em movimento: caminhos desde o legado de González Rey

*A theory in motion: paths from
González Rey's legacy*

**Ananda de Souza Lima Vieira Carvalho, Leandro Bicalho
Lopes**

Resumo

Este trabalho buscou resenhar a obra "Subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional", organizada por Albertina Mitjás Martínez, Maria Carmen Tacca e Roberto Valdés Puentes. Os autores buscam contribuir com o avanço das discussões em torno da obra de Fernando Luis González Rey e sua Teoria da Subjetividade, articulando em quatorze capítulos e quatro partes debates que se debruçam sobre o aprofundamento de conceitos da obra do autor; aspectos metodológicos concernentes à pesquisa e à prática profissional; e interlocuções da Teoria da Subjetividade com outros campos.

Palavras-chave

Teoria da Subjetividade, Epistemologia Qualitativa, perspectiva histórico-cultural.

Abstract

This paper sought to review the book "Subjectivity: theoretical, methodological discussions and implications for professional practice", organized by Albertina Mitjás Martínez, Maria Carmen Tacca and Roberto Valdés Puentes. The authors seek to contribute to the advancement of discussions around the production of Fernando Luis González Rey and his Theory of Subjectivity, articulating in fourteen chapters and four parts debates that focus on the deepening of concepts of the author's work; methodological aspects concerning research and professional practice; and interlocutions of the Theory of Subjectivity with other fields.

Keywords

Theory of Subjectivity, Qualitative Epistemology, cultural-historical approach.

Ananda de Souza Lima Vieira Carvalho

Centro Universitário de Viçosa

Bacharela em Secretariado Executivo Trilíngue pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Mestre em Economia Doméstica pela UFV, na linha de pesquisa "Família, Políticas Públicas e Desenvolvimento humano e social". Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Viçosa (Univiçosa).

Ananda.carvalholima@gmail.com

Leandro Bicalho Lopes

Centro Universitário de Viçosa

Licenciado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário de Viçosa (Univiçosa). Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação à Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), na linha de pesquisa "Família, Políticas Públicas e Desenvolvimento Humano e Social". Professor do curso de Psicologia no Centro Universitário de Viçosa.

leandobicalholopes@yahoo.com

Reunindo uma vasta produção, com mais de duas centenas de trabalhos entre livros, capítulos e artigos, o psicólogo cubano Fernando González Rey (1949-2019) trilhou um caminho teórico, epistemológico e metodológico particular e criativo na compreensão da subjetividade a partir de uma perspectiva cultural-histórica. Partindo-se da definição ontológica de uma nova qualidade dos processos humanos, autogeradora, implicada e constituída historicamente na cultura pela integração de processos simbólicos e emocionais, além da indissociabilidade entre social/individual, o autor trouxe-nos como principais aportes desenvolvidos no percurso de sua jornada, a Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa.

O livro “Teoria da Subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional” reúne pesquisas realizadas com base no referencial epistemo-teórico-metodológico do referido autor e discussões a partir de mesas-redondas e cursos de curta duração desenvolvidos durante o II Simpósio Nacional Epistemologia Qualitativa e Subjetividade, realizado em 2019, na cidade de Brasília. Suas 280 páginas organizam-se em um capítulo introdutório e outras quatro partes, com três capítulos cada, perfazendo um total de doze capítulos. O conjunto representa não apenas o comprometimento de pesquisadores com prosseguimento e continuidade aos caminhos de González Rey nas trilhas da subjetividade, como também novos desafios e desdobramentos na geração de inteligibilidade sobre os processos e fenômenos humanos.

No capítulo introdutório, Albertina Mitjás Martínez, Daniel Goulart, Maria Carmen Tacca e Valéria Mori realizam um compêndio histórico e conceitual da trajetória de González Rey, destacando o chamado “Momento da Teoria da Subjetividade e da Epistemologia Qualitativa” em sua obra. Tal momento marca um importante giro na produção do autor, inicialmente direcionada aos estudos sobre a personalidade, e que, a partir de 1997, conduziu-se à compreensão de uma nova qualidade dos processos humanos, dialógica, dialética culturalmente situada: a subjetividade. Como uma teoria em movimento, a proposta de González Rey passou por transformações e avanços conceituais desde sua gênese, assim, o ponto alto deste capítulo reside na sua natureza didática e explicativa ao evidenciar o percurso que atravessaram os conceitos centrais da sua obra. Tais categorias – subjetividade individual e social, sentido subjetivo, configuração subjetiva e sujeito –, por meio das quais o estudo da subjetividade ganha forma, são apresentadas em articulação às perspectivas epistemológica – Epistemologia Qualitativa – e metodológica – a Metodologia Construtivo-Interpretativa – dentro das quais se desenvolve a Teoria da Subjetividade. Ademais, reflexões do influxo da subjetividade com as áreas de educação e saúde abrem os caminhos para a discussão dessas nuances no decorrer da obra.

Passa-se à primeira parte do livro: “Subjetividade social: significação e expressão em diferentes contextos”. No capítulo 2, Albertina Mitjás Martínez traz a complexidade do conceito de subjetividade social como tentativa de compreensão do social, de maneira dialética, na formação do indivíduo, e deste na constituição do social. O próprio engendramento do conceito, de acordo com a autora, relaciona-se à intensa participação de González Rey no movimento da Psicologia Social latino-americana na década de 1980 e sua inserção nos contextos cubano e soviético. Ilustrativamente são apresentados dois estudos de caso – movimento que acompanha a maior parte dos capítulos do livro –, a partir dos quais a recursividade entre social e individual pode ser evidenciada. No lugar das respostas ficam os questionamentos, as reflexões acerca dos desafios teóricos desse conceito e a necessidade de seguir avançando em sua formulação, que ilustram os desafios para inclusão da subjetividade social por pesquisadores em suas investigações.

No capítulo seguinte, Ana Mercês Bahia Bock, expoente do movimento da Psicologia Sócio-Histórica no Brasil, apresenta as intersecções entre essa psicologia, a partir do grupo da PUC-SP, e a obra de González Rey, evidenciadas, principalmente, no resgate do sujeito e no caráter crítico que ambas mobilizam. Assim, tece um diálogo entre o conceito de subjetividade social e o desenvolvimento da categoria da dimensão subjetiva da realidade, a partir das afinidades e diferenças entre ambos.

No último capítulo desse bloco, Geandra Santos nos traz novamente para a convergência entre subjetividade e educação retratando as expressões da subjetividade social na experiência docente de uma professora em um contexto de políticas educacionais inclusivas. As produções subjetivas da professora tomam forma na construção teórica da pesquisadora, permitindo-nos compreender como a subjetividade social da escola é marcada pela subjetividade social dominante do contexto educacional nacional, desafiando a efetividade de ações de inclusão dos alunos com deficiência.

A parte dois, intitulada “Desenvolvimento subjetivo: complexidade e possibilidades” iniciam-se com as contribuições de Cristina Madeira-Coelho à compreensão do desenvolvimento humano sob a lógica de desenvolvimento subjetivo. A autora enfatiza a centralidade do sujeito em uma articulação entre infância e subjetividade a fim de romper com os reducionismos e essencialismos que obstaculizam processos educacionais favorecedores do desenvolvimento subjetivo na aprendizagem.

Sequencialmente, no capítulo seis Maristela Rossato se aprofunda na dinâmica do desenvolvimento subjetivo enquanto um sistema configuracional dinâmico e complexo. A compreensão desse tema a partir da ideia de processualidade e movimento, bem como o papel das mudanças e tensionamentos como mobilizadores de novas organizações desse sistema, são reflexões presentes no texto que nos orientam novamente o olhar para a emergência da pessoa enquanto sujeito por meio de processos de desenvolvimento subjetivo. Em diálogo com experiências de pesquisa envolvendo processos a temática, a autora nos mostra os desafios centrais enfrentados nessas pesquisas. Evidencia, dentre outros, os desafios ao papel ativo, à geração de tensionamentos e à criatividade do pesquisador, os quais também podem arrojar o próprio desenvolvimento deste.

O capítulo sete, de Luciana Muniz e Albertina Mitjans Martínez, completa as discussões em torno do desenvolvimento subjetivo a partir de dois estudos de caso acerca da subjetividade nos primeiros meses de vida e no processo de aprendizagem escolar criativa de uma criança. O primeiro representa o que os autores já no capítulo introdutório apontavam como o caráter crítico e subversivo da Teoria da Subjetividade, ao passo que esta oferece novas formas de compreender os fenômenos humanos que subvertem concepções hegemônicas reducionistas. As autoras revelam como a produção de sentidos subjetivos aparecem desde muito cedo, sendo os processos de comunicação propulsores de emocionalidades que, imbricadas ao simbólico, os integram. No segundo estudo de caso identificamos como a aprendizagem criativa da leitura e da escrita pôde engendrar mudanças subjetivas para uma aluna do ensino fundamental, favorecendo seu desenvolvimento e os recursos subjetivos para sua constituição enquanto sujeito.

Deslocamo-nos à terceira parte da obra, “Desafios metodológicos do estudo da subjetividade: articulação entre pesquisa e prática profissional”. González Rey e Mitjans Martínez (2017) já nos instigavam a repensar a formação tradicional preponderante nas universidades, que desafia os pesquisadores que pretendem trabalhar com a Metodologia Construtivo-Interpretativa a buscarem estratégias de formação favorecedoras dos processos criativos e reflexivos. Nessa direção, Daniel Goulart estrutura uma teia de argumentos que vão desde a caracterização da construção da

informação no Método Construtivo-Interpretativo, juntamente aos seus preceitos, até a reflexão sobre os desafios que se revelam nessa construção. Partindo de exemplos de sua trajetória como pesquisador e orientador, o autor nos revela não somente dificuldades, mas também alcances e ressignificações no processo de produção teórica que caracteriza o chamado “modelo de subjetivo de produção intelectual”. Essa definição inédita é resgatada de uma elaboração não publicada de González Rey.

No capítulo nove, José Fernando Patiño Torres tece reflexões acerca da unidade entre pesquisa e prática profissional a partir do Método Construtivo-Interpretativo. Tais articulações demandam a superação de um ideal de neutralidade do pesquisador, compreendendo-se o processo de construção do conhecimento como imaginativo, criativo, comprometido com a transformação social e favorecedor da singularização humana. A partir da exemplificação dessa unidade em sua atuação profissional, o autor nos apresenta trechos com relatos carregados de emoção, e que evidenciaram os caminhos criativos adotados pelo profissional/pesquisador e seu ato de despojar-se do tradicional lugar de distanciamento.

No capítulo dez, Valéria Mori oferece-nos outra possibilidade de diálogo entre prática e pesquisa na Teoria da Subjetividade, tendo como cenário a psicoterapia. Apesar da cisão histórica que tem associado a prática à técnica e a pesquisa aos contextos acadêmicos, a autora ressalta o valor heurístico da teoria na geração de inteligibilidade e abertura de novos caminhos para a compreensão dos fenômenos. Destaca-se que é fundamentalmente na criação de espaços dialógicos que novos processos subjetivos podem ser expressos e compreendidos, favorecendo tanto as reflexões da pessoa, como a produção de modelos teóricos explicativos.

Na quarta e última parte da obra, “Teoria da Subjetividade: diálogos com educação, psicologia e direito”, Alexandra Ayach Anache abre a discussão do capítulo onze sobre as dimensões subjetivas da deficiência no processo de inclusão escolar. Poderíamos associar a lógica excludente que supostamente inclui, sem configurar-se em verdadeira inserção (Sawaia, 2012) como o movimento paradoxal entre inclusão e exclusão do qual fala a autora, representado pelos estudantes com deficiência intelectual. Partindo dos pressupostos da Teoria da Subjetividade e da Epistemologia Qualitativa, a autora expõe partes de um percurso investigativo que compõe, a partir do qual discute a aprendizagem compreensiva e os processos educativos dialógicos, interativos e singulares como promotores de novas produções subjetivas para emergência do sujeito que aprende.

O capítulo seguinte, “Didática desenvolvimental na perspectiva da subjetividade: da aprendizagem reflexo-associativa à aprendizagem como produção criativa”, de Roberto Valdés Puentes, segue a discussão crítica da educação e da aprendizagem escolar. A partir de uma análise das concepções didáticas e de aprendizagem predominantes na educação brasileira, o autor discute uma proposta de didática desenvolvimental a partir da Teoria da Subjetividade, Epistemologia Qualitativa, Método Construtivo-Interpretativo e Sistema Didático Integral. Em superação às concepções naturalistas e cognitivas, essa proposta se orienta a uma aprendizagem de natureza criativa, colaborativa e comprometida com o sujeito.

Finalmente, no capítulo treze Vannúzia Peres e Eduardo Rocha trazem articulações possíveis entre subjetividade, psicologia e direito com a apresentação de um estudo de um caso de litígio. No processo construtivo-interpretativo constrói-se um modelo teórico de explicação do processo singular de constituição subjetiva do litígio. Essa proposta evidencia um olhar inovador, favorecendo a garantia dos direitos de um sujeito que não mais é silenciado, sendo considerados seus sentidos subjetivos e as significações sociais envolvidas.

Pode-se dizer que a partir da obra nos vemos diante de mais inquietações e desafios em face das possibilidades que nos deixou González Rey. Seja para pesquisadores que iniciam suas aventuras dentre essas possibilidades ou para aqueles que amiúde acompanham esse percurso, as discussões trazidas aportam novos olhares a partir da Teoria da Subjetividade para a leitura crítica dos assuntos tratados e para novos caminhos de produção. No campo da Psicologia Social, as reflexões contribuem para uma compreensão dialética da realidade na superação de dicotomias clássicas, sem perder de vista as condições sociais e históricas do homem, juntamente à sua história singular. Adicionalmente, reforça-se o lugar essencial do sujeito, que é subjetivamente configurado. Assim, “Teoria da Subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional” abre novos horizontes para uma teoria que não é estática nem acabada, mas que se manifesta como “[...] produção humana contextualizada, histórica e permanentemente em movimento” (Goulart *et al.*, 2020, p. 19, tradução nossa¹).

1

No original: “[...] producción humana contextualizada, histórica y permanentemente en movimiento”.

Sobre o artigo

Recebido: 10/01/2024

Aceito: 20/02/2024

Referências bibliográficas

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade:** teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.

GOULART, D.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; ESTEBAN GUITART, M. The trajectory and work of Fernando González Rey: paths to his Theory of Subjectivity (Trayectoria y obra de Fernando González Rey: caminos hacia su Teoría de la Subjetividad). **Studies in Psychology**, v. 41, 2020, p. 9-30. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02109395.2019.1710800>.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C.; VALDÉS PUENTES, R. **Teoria da Subjetividade:** discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional. Campinas: Alínea, 2020.

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. 12^a ed. Petrópolis: Vozes, 2012.